

33º Encontro Anual da ANPOCS

GT 25 Migrações Internacionais

Título do Trabalho: O Percurso de um fotógrafo migrante: um ensaio sobre as experiências visuais de Sebastião Salgado sobre as migrações contemporâneas

Autora: Ana Luiza de Abreu Cláudio

O contexto da globalização no processo migratório

Por mais que os movimentos migratórios ao redor do mundo sejam um fenômeno recorrente, podemos afirmar que novas configurações emergem no contexto das migrações, concomitante às transformações políticas e econômicas no cenário global. Segundo Blanco¹ apud Cogo (2006), em 1995, 125 milhões de pessoas residiam fora de seu país de origem contra as 75 milhões que gozavam dessa condição de migrantes, registradas no ano de 1965.

Nesse período, pelo menos 50 milhões de pessoas tornaram-se migrantes, mas poderia ser um número ainda maior, se levarmos em consideração quantos não foram registrados, pela própria situação de ilegalidade, ou os que migraram para países que não possuem um controle exato, e até mesmo os migrantes internos, que podem possuir um grande fluxo, por conta da possibilidade de mobilidade.

O foco dos maiores fluxos migratórios está nos chamados países em vias de desenvolvimento. Nesses países há tanto o deslocamento entre as regiões internas, dos locais rurais para as áreas urbanas, quanto em direção aos países desenvolvidos. O intenso fluxo traz conseqüências como as medidas de controle e a restrição dos fluxos registrados nas nações desenvolvidas. “Enquanto os países avançados buscam policiar o movimento dos pobres do mundo e excluí-los, a instabilidade das noções de cidadania e de comunidade política torna-se-á cada vez mais evidente” (HIRST E THOMPSON 1998:279).

De forma progressiva, a realidade dos migrantes, os quais buscam por melhores condições de vida, não é bem vinda nos países mais avançados. A condição da maioria deles é a de migrantes ilegais. O aumento relevante do número de migrantes² atenta-nos para questionar quais seriam as razões atribuídas a tal movimento. Tal perspectiva quantitativa,

¹ Assim como ressalta Cogo (2006) as cifras e as estatísticas expostas no texto não contemplam os migrantes não regularizados e também os migrantes clandestinos. Para uma discussão legal mais apurada, ver BLANCO, Cristina. **Las migraciones contemporáneas**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

² Blanco apud Cogo (2006) ressalta que, aliada a essa primeira dimensão, registra-se a ampliação das redes migratórias com a intensificação de múltiplas redes inter-regionais e a incorporação a essas redes de novos países emissores e receptores de migrantes que vão conformando um entremeado de fluxos migratórios internacionais, ainda que Europa, América do Norte e Austrália sigam se consolidando como as principais regiões receptoras de migração internacional. De forma geral, dominam as redes sul-norte e as transoceânicas, seguidas das produzidas no interior da Ásia e no interior da África. Percebemos que os anos noventa inaugura um novo fluxo: a imigração leste-oeste como conseqüência da queda do Muro de Berlim, a desapareção da União Soviética e os conflitos étnicos produzidos na região.

de acordo com Cogo (2006) pode agregar, portanto, uma compreensão qualitativa sobre as configurações e as tendências que vão definindo e consolidando novas pautas migratórias internacionais nos últimos 25 anos.

Os anos finais do século XX apontaram o fenômeno da globalização, segundo Appadurai (2004), como um dos estimulantes das migrações, sejam elas por questões de sustentabilidade, por motivos profissionais ou até mesmo por conta de catástrofes ambientais. Pelo fato de a reflexão sobre a temática já ter sido largamente discutida e criticada no campo das Ciências Sociais, atentaremos em refletir sobre as possíveis tensões provocadas pela globalização nas migrações humanas, tendo como referência visual as imagens de Sebastião Salgado.

Para isso, devemos considerar que a globalização não deve ser entendida como a representação da dominação, que pode abarcar todas as instâncias da sociedade, como se a transformasse em uma engrenagem homogênea. No entanto, partimos do pressuposto que existem processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações. Ortiz (2006) ainda ressalta que os indícios da globalização em nossa sociedade são inegáveis. Eles são perceptíveis na mídia, na economia, na política e também no meio ambiente.

Do ponto de vista econômico, Hirst e Thompson (1998) analisam que a globalização é um mito conveniente a um mundo sem ilusões, mas é também um mito que rouba a esperança. Os mercados são dominantes, e não enfrentam ameaça de um projeto político contrário viável, pois a democracia social ocidental e o socialismo do bloco soviético acabaram. Mesmo nomeando a economia internacional de globalizada, ela não corresponde por completo a um sistema econômico globalizado, pois os Estados-Nação ainda possuem papel significativo a desempenhar na governabilidade econômica. O fenômeno se apresenta para simbolizar as aberturas econômicas e as novas alianças políticas, bem como a diluição de fronteiras e os possíveis entrelaçamentos culturais.

Já pelo viés cultural, Hirst e Thompson (1998) defendem que a homogeneidade cultural, do ponto de vista nacional, é pouco importante para os Estados já avançados ligados aos mercados mundiais, uma vez que os Estados-Nação, como entidade política, podem oferecer menos. Daí a celebração por um pluralismo religioso, étnico e de estudos de vida, podendo tais grupos ganharem a representatividade dentro dos Estados, tendo como focos

alternativos de lealdade. Appadurai (2004) busca compreender como se constroem as dimensões culturais da globalização, partindo do princípio de que existem dois diacríticos relevantes para pensar como a globalização pode interferir na formação social e cultural contemporânea. Os diacríticos apontados pelo autor são os meios de comunicação de massa e as migrações, ou os movimentos de populações.

Sobre o domínio do Estado em relação aos meios de comunicação, o autor argumenta que, com o advento das novas tecnologias da comunicação, tornou-se inviável para o Estado o controle soberano dos meios de comunicação de massa. A perda da autonomia enfraquece não somente as ditaduras ideológicas, mas também as tentativas de preservar a homogeneidade cultural. Por isso, questionamos a hegemonia cultural, ao percebermos que a diversidade cultural é uma das características emanadas em decorrência dos movimentos de populações. Questionamos também a globalização da cultura, ou seja, a tentativa de estabelecer um segmento globalizado para comportar a diversidade social do mundo

Sendo assim,

A homogeneidade cultural torna-se cada vez mais problemática: culturas ditas nacionais são, simplesmente, partes de um conjunto de culturas em que o povo participa com objetivos diferentes. A homogeneidade cultural completa e exclusiva é cada vez menos possível. As culturas 'nacionais', que objetivam dominar seus membros individuais, são crescentemente projetos de resistência ao mundo e dele se retiram (HIRST E THOMPSON 1998:279).

Ao tratarmos da influência dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea, podemos apontar a mediatização do mundo, onde se prevalece o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizadas, como influência para as migrações contemporâneas (voluntárias e forçadas). “Aqui, as imagens, os textos, os modelos e as narrativas que chegam pelos meios de comunicação de massas traçam a diferença entre as migrações de hoje e as do passado” (APPADURAI 2004:18).

Podemos assim chamar de migrações contemporâneas as novas motivações que levam comunidades inteiras para fora de seu país de origem ou para outras regiões dentro do seu próprio território, desde princípios dos anos 90 até o momento. Esses migrantes “[...]”

criam esferas públicas de diáspora, fenômenos que invalidam as teorias ancoradas na hegemonia continuada do Estado-Nação como o principal árbitro de importantes transformações sociais” (APPADURAI 2005:15).

De uma forma generalizada, o autor comenta sobre o aumento do movimento de indivíduos ao redor do mundo. Nunca como agora tantas pessoas parecem imaginar rotineiramente a possibilidade de elas ou os seus filhos viverem e trabalharem em lugares diferentes daqueles em que nasceram: isto pode ser um índice do aumento da taxa de migrações nos níveis da vida social, nacional e global.

Observamos também o ainda crescente fluxo de homens, com idade entre 20 e 35 anos que partem para traçarem uma rota de migração dentro do seu próprio país. Eles, em sua maioria, saem do interior ou de zonas rurais, em direção às cidades, em busca de melhores empregos e melhores salários, ou até mesmo são os primeiros alvos dos conflitos étnicos e de guerras civis.

Em uma bucólica paisagem rural, composta por seis mulheres, um menino e um homem de partida, sedimenta-se uma comunidade quase que inteiramente composta e gerenciada por mulheres. Sebastião Salgado esteve atento a este fenômeno, fotografando diferentes localidades rurais da América Latina e da África.



SALGADO, Sebastião. “Êxodos”– p. 285. Esta foto foi feita na comunidade de San Miguel Chiptic, parte do município zapatista autogovernado de Morelia, na região de Las Margaritas. A maioria dos membros da comunidade apóia o movimento zapatista. Não trabalham a terra coletivamente, mas desenvolveram um forte espírito comunitário. O alcoolismo, problema endêmico entre os índios da região, foi erradicado. Dirigida por uma enérgica organização feminina, a comunidade também estava lutando para instalar água potável e adquirir instrumentos agrícolas. Chiapas, México, 1998.

Devemos considerar, portanto, conforme analisa Baeninger apud Cogo (2003), que as novas modalidades migratórias, no cenário da globalização, não são mais caracterizadas apenas por sua expressão numérica, a relevância do fenômeno migratório internacional e nacional reside hoje mais em suas especificidades e em seus impactos diferenciados do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais.

Em contrapartida, as barreiras às migrações têm se transformado em um dos principais temas da pauta dos acordos de livre comércio e de integração regional no cenário da globalização. Tanto a emigração quanto a imigração são consideradas por teóricos que tratam do multiculturalismo³ como fenômenos históricos que marcaram a condição humana

³ Ver Nestor Garcia Canclini apud Denise Cogo. *Mídia, interculturalidade e cidadania: sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro*. Belo Horizonte: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003. (formato em CD ROOM).

e o argumento epistemologicamente estratégico para a reafirmação da heterogeneidade das sociedades ocidentais, o que confere às sociedades contemporâneas a possibilidade de compreensão das inter-relações e das tensões entre economia e cultura, entre mercados e identidades culturais.

A compreensão dessas possíveis tensões e relações deve ser possível se levarmos em consideração que as migrações, antes de serem internacionais, são nacionais, ou seja, todo o cenário de angústia e insegurança, junto às crises econômica, ambiental e social surge a partir do local. Os fluxos migratórios então se desenvolvem em âmbitos nacionais, a ponto de se desenvolverem e ampliarem esse cenário para além das fronteiras, chegando a proporções internacionais. Por isso, percebemos que o foco está em entender qual a situação daqueles que migram- os refugiados, os exilados, os deslocados e os apátridas e ainda identificar quem são as entidades e as ações sociais que atuam em prol à causa.

O ACNUR

Diferentemente da conceituação de Hall (2003), que analisa a situação da migração sob uma perspectiva cultural do processo, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados⁴ (ACNUR) parte de uma análise legal e política. O Órgão considera os migrantes como pessoas que deixam seus países de origem e se estabelecem em outro, seja de forma temporária ou permanente. Os migrantes têm em geral motivações sociais, política e econômicas.

Além das migrações impulsionadas pelas necessidades econômicas, percebemos outra categoria migratória: os refugiados. Eles caracterizam-se, segundo o ACNUR, por pessoas que tiveram de abandonar o seu país devido a perseguições, em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertença a um determinado grupo social, não

⁴ O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) foi instituído em 1949. Ele consiste em uma organização supranacional, que tem como missão procurar assegurar os direitos e o bem-estar dos refugiados. O ACNUR iniciou seus trabalhos em 1º de janeiro de 1951. O Estatuto do ACNUR foi aprovado um ano depois, caracterizando seu trabalho como apolítico, humanitário e social. Ele deve garantir que qualquer pessoa possa, em caso de necessidade, beneficiar do direito de asilo noutro país e possa, caso o deseje, regressar ao seu país de origem. Quando não há outros recursos disponíveis - dos Governos dos países de acolhimento ou de outras agências - o ACNUR proporciona assistência aos refugiados (e outras pessoas abrangidas) que não possam satisfazer as suas necessidades básicas. Além da parceria com o Governo, a organização também conta com as Organizações Não Governamentais, regionais e internacionais.

podendo ou não querendo regressar. Segundo Lubbers⁵ refugiados e migrantes são fundamentalmente distintos, por isso são tratados de forma diferenciada pelas atuais leis internacionais. Em sua maioria, os migrantes escolhem um novo local para viver principalmente por razões econômicas, podem migrar internamente como em direção ao exterior, já os refugiados têm de abandonar seus locais de origem para salvar suas vidas ou preservar a liberdade, migrando para outro país.

Como mencionado anteriormente, as causas dos fluxos de refugiados alteraram-se ao longo da história. De acordo com Moreira (2006), as transformações históricas desde a Convenção de 1951 foram tornando as resoluções da convenção cada vez mais defasadas e, a nova realidade dos fluxos migratórios- os deslocados forçados não eram mais os europeus, mas asiáticos e principalmente africanos que passavam por processo de descolonização- tornou necessária a retirada das limitações temporais e geográficas da Convenção de 1951, o que ocorreu com o Protocolo sobre o estatuto do Refugiado de 1967.

Ao mencionarmos isso, torna-se imprescindível apontar a categoria migratória que hoje nomeia muitos indivíduos, que é a dos deslocados no seu próprio país. Entende-se por deslocados ou “desplazados” as pessoas que são forçadas a migrar dentro do próprio país por motivos de violência interna, luta armada, violação generalizada e sistemática dos direitos humanos, grave desordem pública, incapacidade dos governos de garantir segurança a seus cidadãos, entre outras causas.⁶

Vivem situação semelhante à dos refugiados, mas permanecem no território do próprio país. Por mandato especial, ou seja, em casos específicos, o ACNUR pode também intervir em benefício de pessoas ou grupos em situações de risco, tais como os apátridas (pessoas sem nacionalidade ou cuja nacionalidade é controversa) e, em certos casos, as pessoas ou grupos "deslocados" dentro do seu próprio país.

Já o destino dos refugiados pode estar relacionado com questões políticas e com os direitos humanos. As maiores vítimas das migrações forçadas são mulheres, crianças e idosos. No momento em que os homens jovens e adultos são mortos nos conflitos das guerras civis, ou são convocados para a luta armada, elas necessitam de buscar um local

⁵ Revista Aquecimento Global. Ano 1- No 3. Editora Carbon Free.

⁶ Ver <http://www.migrante.org.br/index.htm>

seguro para viverem. Nos últimos anos, têm-se caracterizado principalmente por crises ambientais, pelas guerras civis e pela violência étnica ou religiosa. Partindo desse princípio, os indivíduos podem ser classificados como refugiados políticos, que consiste em indivíduos ou comunidades inteiras obrigadas a saírem de seus países por conta de oposição ao governo ou devido às guerras civis.

Caracterizam-se também os refugiados por questões culturais, em sua maioria são indivíduos vítimas e ou participantes de conflitos entre etnias, colocamos em destaque os conflitos étnicos do Kosovo e a de Ruanda⁷. Identificamos também uma nova categoria de refugiados- os refugiados ambientais⁸. Um dos maiores motivos das migrações ambientais são os desastres naturais, como os ciclones, as ondas gigantes, as tempestades, a invasão do mar ao continente. As crises ambientais surgem também por conta do aumento demográfico de um determinado local, podendo desencadear em doenças como a cólera e a disenteria. Devemos mencionar também que processos ocasionados pela ação do tempo como mudanças climáticas, desertificação do solo provocam também as migrações.

Ressaltamos que em determinadas situações um conflito pode estar intrinsecamente relacionado ao outro, como, por exemplo, um conflito político pode posteriormente gerar um cultural que por sua vez pode provocar um ambiental. Segundo o ACNUR, o aumento de pessoas no campo de refugiados pode provocar graves crises ambientais, impulsionando até mais conflitos e mais migrações.

Sendo assim, em tempos de crise, o ACNUR reconhece a estreita relação entre o bem-estar das populações e um ambiente saudável. No seu trabalho com as populações refugiadas e as comunidades locais, o ACNUR e as organizações com quem tem parcerias procuram minimizar os impactos ambientais das operações com refugiados. Em casos específicos, como os atingidos por crises ambientais, ainda não existe um consenso e integração entre as atividades do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e da ACNUR para legitimar os direitos dos refugiados ambientais.

⁷ Ressaltamos que posteriormente discorrerei mais sobre os conflitos em Ruanda.

⁸ Trata-se de um tema bastante recente e ainda pouco consolidado. A maioria da bibliografia, até onde sabemos, encontra-se em língua estrangeira. No entanto, pensar os refugiados ambientais torna-se pertinente, portanto, para localizarmos as fotografias de Sebastião Salgado no contexto das migrações contemporâneas.

Na mesma linha, de pouco adiantará ao ACNUR renovar sua definição de refugiado abarcando os refugiados ambientais se os fatores do deslocamento forçado não forem combatidos. A pobreza associada aos problemas ambientais é uma causa adicional. Má nutrição, aumento da população, desemprego, rápida urbanização, doenças crônicas, políticas governamentais desastrosas e conflitos étnicos também lideram a lista dos motivos que levam a população a se refugiar e a dificultar a distinção entre os desalojados ambientais e as pessoas que abandonaram suas casas por problemas financeiros. Essa realidade também faz parte da problemática dos deslocados internamente.

Embora esse fenômeno seja derivado basicamente da degradação do meio ambiente, há uma miríade de problemas políticos e sociais de todos os tipos gerados por ele, fato que também pode se tornar causa de desordem e conflito. Podemos citar a África subsaariana como local das migrações relacionadas aos problemas ambientais, mas a questão também afeta igualmente milhões de pessoas na Ásia e no subcontinente indiano. A Europa e os Estados Unidos sofrem pressões daqueles que buscam escapar da degradação do meio ambiente no norte da África e na América Latina.⁹

Em termos legais de proteção aos refugiados, foram elaboradas convenções regionais, como a Convenção da OUA em 1969, na África, e a Declaração de Cartagena em 2001, na América Latina. Elas se tornaram segundo Moreira (2006), um importante instrumento regional de proteção ao refugiado, inovando no sentido de não mais colocar como condição ao status de refugiado o “fundado receio de perseguição” (ACNUR, 2008). No entanto, os instrumentos de auxílio ao refugiado, descritos acima, se aplicam aos refugiados políticos e sociais, eles não contemplam os refugiados ambientais, que deixam seus países em razão de catástrofes naturais, como terremotos, secas ou inundações.

À medida que o número de pessoas sob o mandato de organizações internacionais, como o ACNUR, aumenta, também cresce a complexidade dos problemas dos movimentos migratórios forçados. Hoje, a política é determinada em função de mudanças geopolíticas fundamentais: o enorme crescimento do número de pessoas deslocadas internamente; a predominância de emergências humanitárias em situações de conflito em que os civis são os

⁹ Revista Aquecimento Global. Ano 1- No 3. Editora Carbon Free.

principais alvos, bem como os trabalhadores humanitários; o aumento do tráfico humano; a denegação de possibilidades de asilo.

O ACNUR assegura que um migrante refugiado tem direito a um asilo seguro. Contudo, a proteção internacional abrange mais do que a segurança física. Os refugiados devem usufruir, pelo menos, dos mesmos direitos e da mesma assistência básica que qualquer outro estrangeiro, residindo legalmente no país. Em certas circunstâncias, como as de influxos em larga escala de refugiados, os países de acolhimento podem sentir-se obrigados a restringir certos direitos, como a liberdade de circulação, a liberdade de trabalhar ou a educação adequada para todas as crianças. Estas lacunas devem ser preenchidas, sempre que possível, pela comunidade internacional.

De acordo com a ACNUR, a reinstalação não é, geralmente, uma opção realista, exceto em relação a muito poucos indivíduos. Muitos refugiados desejam viver perto dos seus países de origem. Contudo, apesar do repatriamento voluntário ser, quase sempre, a melhor solução duradoura para a maioria dos refugiados, alguns deles, que estão em perigo, irão sempre requerer a reinstalação por razões políticas e de segurança, ou devido à sua vulnerabilidade. Em alguns casos, parece haver pouca esperança em relação à possibilidade de uma integração local duradoura no país de acolhimento.

A reinstalação de tais indivíduos em países terceiros pode ser a única opção viável. Sendo assim, entendemos que as especificidades que levam os indivíduos a migrarem existem, mas existem razões muito semelhantes entre os diferentes tipos de migrantes. Tal contato os coloca numa posição convergente em determinados momentos, a de refugiados-migrantes que são forçados a fugirem para salvaguardarem sua vida e em prol da liberdade, ou impulsionados para buscarem sustentabilidade financeira.

Na maioria das vezes têm de abandonar a casa, os bens, a família e o país - rumo a um futuro incerto em terras estrangeiras, o que configura em um dos maiores fenômenos dos nossos dias¹⁰.

¹⁰ O número total de pessoas sob o mandato do ACNUR passou de 17 milhões em 1991 para um recorde de 27 milhões em 1995. Em 1º de Janeiro de 1999, o mesmo número tinha baixado para 21,5 milhões. Apesar da redução acentuada, este número representa uma em cada 280 pessoas do planeta. Nele se incluem refugiados, retornados e pessoas deslocadas internamente nos seus países.

Os sujeitos das migrações

Diante desse contexto notamos que ainda é crescente a intolerância aos estrangeiros, cresce o choque entre as etnias, como também o choque por causa de questões políticas e econômicas. As distâncias físicas e os obstáculos formados pelas fronteiras funcionam com mais eficácia para os migrantes marginalizados e pobres. Assim como argumenta Hirst e Thompson (1998), exceto os executivos de mobilidade internacional, profissionais altamente qualificados, e os desesperados migrantes e refugiados pobres, dispostos a enfrentarem as piores condições e provocações para deixarem suas condições intoleráveis, a maior parte da população não pode se mover tão facilmente.

Mas questionamos então quem é esse estrangeiro, em especial quem é esse estrangeiro pobre e marginalizado que migra. Seria o estranho, uma categoria e uma classificação para aquele que nunca deixa de ser. A dimensão do estrangeiro permite até pensarmos nos sujeitos que não são, ainda, migrantes, mas pensam em migrar, que convertem a migração em 'projeto de vida', ou simplesmente colocam no horizonte o desejo de migrarem. O estranho pode, portanto, ser estrangeiro sem nunca ter saído do seu local de origem. Dessa forma, pensamos que, para a presente pesquisa, tratamos como estrangeiro aquele que migra, entendido como ação material, de corpos deslocados.

Para entendermos a complexidade do sujeito migrante precisamos considerar, de acordo com Cogo (2006), que todo migrante é um estrangeiro-estranho, o qual percorre caminhos além da receptividade, da interação ou da integração que ele possa vivenciar em lugares de migração quando a experiência migratória implique em deslocamento corporal. Para cada experiência migratória pode evidenciar um caminho a ser seguido para o sujeito migrante, e para cada caminho emerge-se uma categoria migratória.

De acordo com ACNUR, existem aqueles indivíduos que se tornaram migrantes, pois foram forçados a saírem do território de origem seja por conta de crises ambientais (refugiados ambientais), seja pelos conflitos étnicos ou devido a guerras políticas (refugiados políticos). Além dos refugiados o movimento migratório contemporâneo é também marcado por migrações intelectuais, ou seja, indivíduos dos países- de preferência do 3º e 4º mundo-

que são convidados por empresas, universidades e outros tipos de instituições de outros países para prestarem serviços fora de seu país de origem.

Tal pluralização, resultantes em grande medida das atuais políticas de migração, aparece complexificada, ainda, pelas migrações voluntárias de profissionais qualificados, que, nomeada como ‘fuga de cérebros’ durante a Guerra Fria, configura-se por um amplo movimento de capital humano que transcende as fronteiras nacionais ou, ainda, pela recente migração da chamada Terceira Idade, constituída de aposentados e inativos europeus que passam longas temporadas em países com melhores condições climáticas e econômicas, como a Espanha. Mencionamos também a construção de luxuosos condomínios no litoral da Bahia. A situação é semelhante no Caribe e em outras regiões da América Central, onde muitos desses empreendimentos passam a ocupar terras e entrar em conflito com quilombolas, pescadores ou ameríndios.

Sendo assim, o ponto de coesão é a situação de diáspora, de hibridização e de adaptação cultural, mesmo que em medidas completamente diferenciadas. No contexto da América Latina, a permeabilidade das fronteiras e das políticas de integração regional, como é o caso do Mercosul, vêm contribuindo para o incremento das migrações de caráter fronteiriço e transfronteiriço e, sobretudo, para a definição de padrões migratórios intra-regionais pautados por uma perspectiva qualitativa evidenciada “pela enorme diversidade e potencialidade de espaços de migração e uma menor concentração no volume de migrantes” (Cogo 2003:2).

A migração internacional e clandestina configura-se, na perspectiva analítica de Baeninger apud Cogo (2003), no tipo de movimento específico dessa nova etapa do capitalismo, em que o volume e a composição das migrações, assim como a constituição de blocos regionais integrados apontam para uma maior diversidade de deslocamentos migratórios e, em alguns casos específicos, até para o aumento em sua intensidade.

Um exemplo desse tipo de emigração pode ser percebido na fotografia de Salgado, realizada no Estreito de Gibraltar. O Estreito de Gibraltar separa o Golfo de Cádiz (Oceano Atlântico) do Mar de Alborão (a oeste do Mar Mediterrâneo). Ao norte encontra-se a Espanha e Gibraltar e ao sul está Marrocos e Ceuta. A profundidade média na zona do

estreito é de 300 m, e a máxima quase de 1000 m perto de Algeciras. A largura mínima é de 14,4 km, entre Punta de Oliveros na Espanha e Punta Cires em Marrocos.

Tal proximidade entre os continentes europeu e africano proporcionou o controle do tráfego fluviário. Nesse tráfego passam tanto embarcações regulares, como os “ferry-boat” entre Algeciras, Ceuta e Tânger, como também as irregulares. Essas últimas, em sua maioria, transportam imigrantes ilegais, os quais seguem ou pela rota que vai da África até a Europa, ou pela rota que faz o trajeto contrário.

Muitos deles são homens, com idades entre 20 e 45 anos, que saem do seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida nos países mais desenvolvidos economicamente. A travessia pelo Estreito é apenas um dos obstáculos vivenciados pelos imigrantes. Por mais próximo que possam estar os continentes, os limites dos Estados ainda encontram-se bem definidos, principalmente para os imigrantes pobres, como os fotografados por Sebastião Salgado, no momento da captura de uma embarcação repleta deles.

No momento em que são capturados pelas entidades espanholas, a foto é feita. O resultado dessa apreensão “surpresa” percebemos nos olhares da maioria dos africanos fotografados. A partir da observação do ângulo em que a foto foi tirada e o discurso de Salgado, materializado na legenda, podemos entender que ele fotografou do ponto de vista da embarcação espanhola, a qual escolta Punta de Oliveros, protegendo-a dos imigrantes ilegais.



SALGADO, Sebastião. “Êxodos” – p. 39. O sistema espanhol de radar em Gibraltar, conhecido como Tráfego, acaba de identificar uma embarcação suspeita navegando sem luzes pelo estreito. O posto de observação em Tarifa transmite a informação para um barco-patrolha da Guarda Civil, que aborda o barco suspeito, no qual havia 33 migrantes clandestinos. Estreito de Gilbratar, 1997.

Apenas nos últimos anos do século XX, mais de um milhão de pessoas foram impulsionadas, por motivos diferenciados, a abandonar os seus lares no Kosovo, no Timor Leste, na África ou na América Latina, dentre outros. Tal realidade apresenta-se como uma das grandes preocupações da comunidade internacional ao longo do século XXI. A diversificação das tipologias ou das experiências migratórias, representadas pelos refugiados e pelos asilados, ou ainda, pela migração clandestina e pela reagrupação familiar, são tendências que concorrem para pluralizar, de forma crescente, os fluxos migratórios contemporâneos.

Os migrantes de Sebastião Salgado

Para elaborar o livro de fotografias “Êxodos”, Sebastião Salgado partiu da França, país onde vive, e foi em direção aos países em desenvolvimento¹¹. Salgado viajou para encontrar certos migrantes, principalmente aqueles que mais sofriam com os movimentos migratórios. Sua preferência foram os migrantes, refugiados, deslocados ou exilados “constrangidos por forças que não têm como controlar, fugindo da pobreza, da repressão ou das guerras”. Salgado (2000) também considera que a migração atual é diferente dos outros fenômenos que já aconteceram.

Ele denomina de “convulsão populacional global” as novas correntes migratórias, e estas são impulsionadas pelas revoluções na maneira de viver, produzir, comunicar-se, urbanizar-se e viajar. Da África Subsaariana até a Europa Oriental, passando pelo Oriente Médio e pelos países da América Latina e finalizando uma viagem de 6 anos nos países asiáticos da China e Índia, o fotógrafo capturou imagens de comunidades inteiras em movimento.

Tal percurso já possuía um objetivo pré-definido: identificar quem eram os indivíduos em movimento, em transição, o resultado do trabalho culminou na publicação do livro de fotografias. Os locais de encontro entre Salgado e os migrantes compreendiam as estradas, os campos de refugiados ou ainda as favelas urbanas. Durante o percurso, ele percebeu que muitos atravessavam os piores momentos de suas vidas. “[...] mesmo assim, aceitavam serem fotografados, pois queriam que seu sofrimento fosse divulgado. Sempre que possível, eu lhes explicava que a minha intenção era essa. Muitos não faziam mais do que postar-se diante da minha câmera e dirigir-se a ela como se fosse um microfone” (Salgado 2000:7).

¹¹ Termo utilizado por Sebastião Salgado nas entrevistas analisadas. Ele utilizou também o termo países de 3º mundo.

A partir desse encontro o fotógrafo interpretou quais eram as características dos migrantes¹², onde estavam e quais eram as causas migratórias deles, transferindo sua concepção da realidade para as fotografias. Para ele, nem o migrante, nem o refugiado nem o exilado migram por vontade própria, todos advêm de países periféricos, e migram por necessidades de sobrevivência. Salgado (2000) situou os migrantes fotografados como pertencentes a uma mesma situação de miséria, como se todos migrassem por conta da pobreza.

No entanto, em cada capítulo de “Êxodos” é possível encontrar diversas realidades e causas distintas de migrações. Podemos, sim, encontrar pontos de semelhança, mas que não podem simbolizar a igualdade, uma mesma situação de conflito, um mesmo local geográfico, mesmos traços culturais. Sebastião Salgado busca construir a narrativa a partir das semelhanças, mesmo que sejam evidentes para nós, observadores, as diferenças latentes presentes nos signos fotográficos.

As fotos, assim, provocam uma reação dinâmica, migrando da diferença para a semelhança, assim como veremos posteriormente¹³. No entanto consideramos que as conexões não são responsáveis pela homogeneização em que Salgado coloca seus fotografados, quando discursa sobre eles nas entrevistas e nas legendas. É o que pode ser percebido em sua fala, em seus apontamentos de viagem:

Mais do que nunca sinto que a raça humana é somente uma. Por isso vejo que minhas fotografias são os vetores entre o que acontece no mundo e as pessoas que não tem como presenciar o que acontece (...) as fotografias são o retrato da globalização e liberação econômica, uma amostra da condição humana neste planeta (SALGADO, 2000).

¹² Legalmente, o órgão ACNUR dá assistência a quem é considerado refugiado, mas é preciso ressaltar que nem todo migrante migra por livre e espontânea vontade. Muitos migram em busca de melhores condições de vida, pois seu lugar de origem talvez não possa oferecer nem mesmo água potável.

¹³ Será discutido melhor no capítulo 3, em que analisamos a obra Êxodos de forma mais ampliada.

De acordo com Sebastião Salgado:

Este livro [Êxodos] conta a história da humanidade em trânsito. É uma história perturbadora, pois poucas pessoas abandonam a terra natal por vontade própria. Em geral, elas se tornam migrantes, refugiadas ou exiladas constrangidas por forças que não têm como controlar, fugindo da pobreza, da repressão ou das guerras. [...] Viajam sozinhas, com as famílias ou em grupos. Algumas sabem para onde estão indo, confiantes de que as espera uma vida melhor. Outras estão simplesmente em fuga, aliviadas por estarem vivas. Muitas não conseguirão chegar a lugar nenhum.

Salgado argumenta ainda que, em suas viagens para se fotografar a ‘humanidade em trânsito’, sempre encontrou bandos de crianças, todas elas ‘loucas para serem fotografadas’. Ele escreve na introdução: “Em toda situação de crise [...] as crianças são as maiores vítimas”. Assim como aponta Salgado, as crianças apresentam-se mais fracas fisicamente, são sempre as primeiras a sucumbir à fome ou à doença. Emocionalmente vulneráveis, não têm condições de compreender por que estão sendo expulsas de suas casas.

Partindo da observação e da interpretação de “Êxodos”, percebemos que ele classifica como refugiados os africanos e os europeus. Para os refugiados africanos Salgado dá ênfase e atribui aos conflitos étnicos as maiores causas das migrações. Trata-se de um continente que possui um grande número de indivíduos refugiados, a maioria deles desprovidos de uma condição digna de vida.

De forma generalizada, os anseios pelo poder político e pelo poder econômico em diversos países da África¹⁴, geraram graves conflitos nesses últimos anos, principalmente entre as etnias. As guerras entre essas são as principais causas das migrações na África, pois na maioria das vezes há a expulsão dos civis pertencentes ao grupo rival. Esses são obrigados a fugirem de suas casas e de suas cidades para salvarem suas vidas.

¹⁴ A África foi o continente mais visitado por Sebastião Salgado, pois a relação que ele estabeleceu com o continente surgiu anteriormente à sua carreira de fotógrafo. Desde a década de 70, Salgado começou a visitar alguns países, incluindo a Etiópia, o Sudão, Angola, Moçambique, Somália, Ruanda, dentre outros. Levando em consideração o histórico de degradação social e ambiental de quase todo o continente, muito em decorrência de séculos de exploração da matéria-prima e da mão-de-obra local, Salgado retornou ao continente na década de 80 e na de 90. Os anos noventa foram o cenário escolhido para a elaboração das fotografias. Anos depois da corrida imperialista, Salgado fotografa os resquícios de guerras e do surgimento violento de outras.



SALGADO, Sebastião. “Êxodos” - p.173. Foto tirada ao amanhecer, de um grande número de ruandeses abastecendo-se de água num lago próximo ao campo de Benako, Tanzânia, 1994.

Como se não bastasse, os conflitos étnicos terem expulsado comunidades inteiras de seu lugar de origem, eles contribuíram para o aumento expressivo dos campos de refugiados espalhados por outros locais do continente. Isso não só provocou o inchaço populacional, como também o ressecamento de rios, desmatamento de florestas e a disseminação de doenças mortais, como o cólera, o tifo e a disenteria.

Para os refugiados europeus, especificamente do Leste Europeu, Salgado indica as razões dos refúgios serem políticas e também religiosas. Também na década de 90, Salgado fotografou curdos, sérvios e bósnios. No entanto, tudo indica que o foco de Salgado eram os países em desenvolvimento, por isso o fotógrafo não dedicou muitas páginas para contar a guerra do leste europeu, se comparado o número de páginas que dedicou à África, América Latina e Ásia.

Para os migrantes econômicos e para os deslocados dentro do próprio país, Salgado dedicou boa parte de sua documentação fotográfica, presente em “Êxodos”. Eles foram classificados como os maiores representantes da globalização econômica, pois todos estavam migrando em busca de melhores condições financeiras e de sobrevivência. Como sintomas do aumento das migrações na globalização, Salgado apontou o êxodo rural, a luta pela terra e a urbanização acelerada das capitais dos países periféricos.

O fotógrafo também fotografa e classifica as migrações asiáticas como sendo econômicas, geradas por meio do êxodo rural em larga escala. Ele captura imagens da realidade da Índia, Vietnã, Bangladesh e da China, pois busca representar a urbanização acelerada das grandes cidades do continente asiático, com destaque para Xangai e Bombaim.

Para entender as fotografias: conclusões pela biografia de Sebastião Salgado

De acordo com Dorothéa Lange (apud Sontag 2004:138), todo retrato de outra pessoa é um ‘auto-retrato’ do fotógrafo, assim como para Minor White – ao promover a auto-descoberta por meio da câmera- as fotos de paisagens são, na verdade, ‘paisagens interiores’. Portanto, considerando as possíveis subjetividades, em cada fotografia feita por um fotógrafo existe um pouco dele ali, seu conhecimento de mundo, suas ideologias políticas, e por fim sentimentos e sensações. O lugar e o tempo para o fotógrafo se expressar é a fotografia, seja ela documental, de moda ou jornalística.

Ao pesquisarmos a formação profissional de Sebastião Salgado, o desenvolvimento de seu estilo e a escolha das temáticas para fotografar, constatamos que tudo isso está intrinsecamente relacionado à sua trajetória pessoal. O ato de migrar esteve sempre presente em sua vida. Sebastião Ribeiro Salgado Junior nasceu em 1944 numa fazenda em Minas Gerais. É filho de pais pecuaristas, único homem numa família de seis mulheres.

Quando tinha cinco anos mudou-se para a cidade de Aimorés (MG); na adolescência passou a viver em Vitória (ES), onde concluiu o secundário e entrou para a faculdade de Economia. Após o término do curso, Salgado mudou-se para São Paulo, já casado com Lélia

Wanick Salgado, para dar continuidade aos estudos em Economia. Em 1968 obteve mestrado em Economia nas Universidades de São Paulo e de Venderbilt University (EUA).

No auge da ditadura militar no Brasil, Salgado militou no movimento estudantil, e mais tarde participou da Juventude Universitária Católica¹⁵. Por conta da sua participação nesses movimentos, ele e sua esposa foram exilados na França e, cada uma dessas migrações o conduziu para um universo urbano cada vez mais denso. Na condição de um exilado político ele analisa a sua vida e de sua mulher num país estrangeiro: “[...] constatamos que passamos a ser refugiados- parte imigrantes, parte estudantes. Três décadas mais tarde constatamos que ainda somos estrangeiros” (Salgado 2000:9).

Tal depoimento torna-se relevante para identificarmos as suas marcas identitárias, que mais tarde refletirá nas suas fotos. Já exilado e buscando uma nova inserção, mas desta vez no cenário estrangeiro, Salgado frequenta em Paris, de 1969 a 1971, a Escola Nacional de Estatística Econômica. Em 1971 obteve o doutoramento, também em Economia. De 1971 a 1973 trabalhou em alguns países da África para a Organização Internacional do Café, baseada em Londres. Durante seu trabalho, utilizou a câmera de sua esposa Lélia como suporte para a documentação de seu trabalho.

O contato com a prática fotográfica lhe permitiu compreender uma nova forma de expressão- a linguagem visual. A partir daí, ele começa a perceber a relevância da fotografia para seu trabalho. “Quando voltei a Londres, as fotos me deram dez vezes mais prazer que os relatórios econômicos que tinha que escrever”¹⁶. E, assim, aprofundou-se nos estudos sobre as sociedades a partir das imagens, e buscou adquirir espaço dentro do fotojornalismo internacional. No entanto, percebemos que os traços adquiridos pelos estudos em Economia, não se distanciaram da maneira de pensar e de produzir o seu estilo fotográfico.

¹⁵ A JUC surgiu no Brasil a partir da Associação Universitária Católica (AUC). Em 1950, organizou-se nacionalmente e adotou o modelo da Ação Católica francesa, belga e canadense de organização por meios específicos (universitários, rurais, operários, etc.), reduzindo a importância das dioceses. A JUC foi um movimento que foi formada no seio das universidades, fornecendo diversos líderes para a jovem União Nacional dos Estudantes (UNE). Muitos jucistas participaram da organização dos trabalhadores rurais, estimulando sua sindicalização. A crescente influência do marxismo na América Latina fez com que estes movimentos se engajassem na política universitária e em movimentos de cultura e educação popular, os militantes da JUC passaram a ser perseguidos após o golpe militar de março de 1964.

¹⁶ Stephen Perloff (ed), “Sebastião Salgado: A lecture”, Photo Review 16, 4, Fall, 1993, p.3.

A mescla entre a beleza e o engajamento social, resultou em fotografias que tratam de temáticas que atingem proporções mundiais. A princípio, suas fotografias conquistaram o público europeu, o que garantiu a Salgado um lugar de destaque em agências de imagens internacionais. Em 1974, ele ingressa na agência Sygma, cobrindo imagens em Portugal, Moçambique e Angola. No ano seguinte, passa a trabalhar para a agência Gama.

Já em 1979, Salgado entra para a Magnum¹⁷, uma das mais importantes agências de imagens do mundo, por onde passaram importantes nomes da fotografia internacional, como Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, Eugene W. Smith e Robert Frank. Como fotógrafo do jornalismo diário, ele produziu fotografias para fins diversos e em diferentes lugares do mundo. Cobriu as guerras em Angola e no Saara Espanhol, israelitas aprisionados em Entebe, os incêndios de poços de petróleo no Kuwait e a tentativa de assassinato do presidente Ronald Reagan.

No entanto, foram as longas reportagens fotográficas ou fotodocumentais, envolvendo a temática da fome, os trabalhadores do mundo, os processos de migrações contemporâneas, a luta pela terra, e, mais recentemente, a natureza ainda intocada, seus trabalhos mais reconhecidos. Seu primeiro trabalho desta categoria (já utilizava o método de viagens ou incursões fotográficas) foi sobre a falta de habitação em um subúrbio parisiense, depois o foco foram os migrantes europeus.

Com a carreira já consolidada, Salgado deixa a Magnum em 1994, no mesmo ano em que cria sua própria agência- a Imagens da Amazônia (“Amazonas Images”) com sede em Paris. E assim segue realizando seus trabalhos fotodocumentais ao redor do mundo. Para François Hébel, atual diretor da Magnum, Salgado mostrou a uma geração inteira de fotógrafos a necessidade de se fotografar os fatos do mundo, “vis-à-vis”, sempre à luz de um projeto. O resultado desses trabalhos advém de uma intensa pesquisa, anterior às fotografias¹⁸.

Como desdobramentos de seu trabalho, Salgado também coordena o Instituto Terra, juntamente com sua esposa. Ele foi fundado pelo casal em 1999 e o foco está no reflorestamento da mata atlântica, no artesanato, na criação de cinema e de teatro na sua terra

¹⁷ Posteriormente aprofundaremos nas características da Magnum.

¹⁸ Aprofundaremos este ponto no capítulo II.

natal. Sebastião Salgado, hoje com 64 anos, se dedica, desde 2004, ao projeto fotográfico “Gênesis”¹⁹, a ser finalizado em 2012.

Sua última publicação aconteceu no início de 2008, quando o fotógrafo lançou o livro “África”. O fotógrafo tem até o momento em seu currículo um conjunto de aproximadamente 13 livros de fotografia documental: “Sahel: Homem em Pânico”; “Outras Américas”; “Um Incerto Estado de Graça”; “As Melhores Fotos”; “Photopoche, Sebastião Salgado”; “Trabalhadores”; “Terra”; “Um Fotógrafo em Abril”; “Serra Pelada”; “Êxodos”; “Retratos de Crianças do Êxodo”; “Malpensa, La città del volo” e finalmente “África”.

A linguagem fotográfica de Sebastião Salgado pode, portanto, responder a diversas questões no que refere ao direito dos migrantes e dos refugiados, bem como sua posição no mundo globalizado. A partir, portanto, de uma discussão mais ampliada sobre a migração, onde é perceptível em “Êxodos” o convívio de causas e de fluxos migratórios tão distintos, o fotógrafo nos apresenta a mensagem visual como uma forma de compreensão das migrações contemporâneas.

Partindo dessa perspectiva, o ser migrante de Sebastião Salgado não pertence a um local específico. Ele pode ser um estrangeiro sem mesmo sair do seu país ou do seu continente, como é o caso dos milhares de refugiados espalhados pelo mundo. Ele possui uma origem, um ponto de partida, mas seus anseios ou suas necessidades o encaminham para um local indefinido, local esse que Sebastião Salgado não fotografou.

¹⁹ O projeto, segundo Sebastião Salgado, busca retratar a paisagens paradisíacas no mundo todo, de forma a incentivar a preservação do planeta. A estratégia escolhida foi fotografar uma natureza intocada, espécies de animais que resistiram à domesticação, bem como sociedades distantes, como tribos africanas que conservam um modo de vida “tradicional”, comunidades do Tibete, alojadas em montanhas geladas, e rituais indígenas.

Referências Bibliográficas:

Fontes Primárias:

a) Filmes:

Programa Roda Viva, entrevista a Sebastião Salgado, realizada no dia 17/04/2000.

Migrantes (Vídeo-documentário, 2007, 50'). Direção: Beto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal. Realização: UFSCAR, IE-PR5/UFRJ, UFMA, Universidade Federal do Piauí.

Expedito (Vídeo-documentário, 2006, 80'). Direção: Beto Novaes, Aida Marques. Realização: Ford Foundation, IE-IFCS/UFRJ, DSSPUC-Rio, Fundação Universitária José Bonifácio, UFF GCV-SFP/UFF.

Caçadores da Alma (Vídeo-documentário, 1988, 58'). Direção: Sílvio Tandler. Realização: RCV, UnB.

Conexão Roberto D'Ávila, entrevista a Sebastião Salgado, realizada no dia 20/08/2005.

b) Periódicos:

Jornal Folha de São Paulo. Editorial Mundo. **Inferno em preto e branco: Região do Zaire tem 800 mil refugiados**. 14 de agosto de 1994.

_____. Suplemento Mais. **O mundo em marcha**. 25 de junho de 1995.

_____. Editorial Mundo. **Bósnia: Morte em Sarajevo estava em cada rosto**. 31 de março de 1996.

_____. Especial. **Sem-Terra**. 30 de junho de 1996.

_____. Editorial Mundo. **Morrem 108 refugiados no Zaire em um dia**. 11 de abril de 1997.

_____. Editorial Mundo. **Curdos: O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado retrata os conflitos e o movimento migratório de um povo disperso por quatro países e dividido por lutas internas**. 17 de agosto de 1997.

_____. Editorial Mundo. **Sebastião Salgado fotografa o êxodo dos refugiados de Kosovo que deixaram a Província iugoslava para se abrigar na vizinha Albânia: Fuga da Guerra**. 2 de maio de 1999.

Revista Aquecimento Global. **Refugiados ambientais: vítimas ou protagonistas da destruição?** n. 3, ano 1, São Paulo: On Line Editora/Instituto Brasileiro de Cultura,2008

Jornal do Brasil. Suplemento JB Ecológico. **Vitória da Emoção e da esperança.** Ano 4, n.52, maio de 2006.

Jornal O Globo. Revista O Globo. **A natureza que ensina.** Ano 2, n. 93, maio de 2006.

Visão. Fascículo II. **Dinkas: Caras de gente.** N.714, 9 de novembro de 2006.

Visão. Fascículo III. **Namíbia.** N.715, 16 de novembro de 2006.

Visão. Fascículo IV. **Butão.** N.716, 23 de novembro de 2006.

SALGADO, Sebastião e IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. **Deslocamentos Populacionais e novas formas de solidariedade.** Volume I. São Paulo: Bei Comunicação, 2000. (Coleção êxodos: programa educacional).

SALGADO, Sebastião, PAES, Helena, DUARTE, Geni Rosa e VANNUCHI, Camilo. **Leituras de imprensa.** Volume II. São Paulo: Bei Comunicação, 2000. (Coleção êxodos: programa educacional).

SALGADO, Sebastião e QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. **A narrativa do olhar.** Volume

III. São Paulo: Bei Comunicação, 2000. (Coleção êxodos: programa educacional).

c) Sítios:

<http://www.nytimes.com/specials/salgado/home/>

<http://www.terra.com.br/sebastiaosalgado>

<http://www.acnur.org/>

<http://www.cidadevirtual.pt/acnur/welcome.htm>

<http://www.oi.acime.gov.pt/index.php>

<http://www.acidi.gov.pt/>

<http://www.migrante.org.br/index.htm>

<http://www.cred.be/>

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). **A situação dos refugiados no mundo 2000: cinquenta anos de ação humanitária.** tradução Isabel Galvão. Almada, Portugal: A Triunfadora Arte Gráfica, 2000.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização.** tradução Telma Costa. Lisboa: Teorema, 2004.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e cidadania: sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro.** Belo Horizonte: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003. (formato em CD ROOM).

_____, Denise e DUARTE, Pedro Russi. **Migrações contemporâneas e diáspora: uma análise desde as interações comunicacionais e midiáticas de imigrantes uruguaios no sul do Brasil.** UNirevista. São Leopoldo: UNISINOS, 2006, Vol. 1, n. 3, pp. 1-17. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinios.br/>. (Acesso em: 23/04/2008)

HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão.** tradução Wanda Caldeira Brant. Petrópolis, Rj: Vozes, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília; UNESCO Brasil, 2003.

MOREIRA, Júlia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional.** Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas, 2006.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Outras Américas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999

_____. **Terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Trabalhadores.** São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

_____. **Serra Pelada.** PhotoPoche Societé, Editions Nathan, France, 1999.

_____. **Photopoche de Sebastião Salgado.** n.55, Centre National de la Photographie, France, 1993.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.